

Adriana Conti Melo

trabalha e vive em São Paulo

Sua produção artística despontou em 2011 quando integrou a exposição do World Bank, em Washington, EUA. Suas obras modulam o espaço, tratam do tempo e dos vazios, das ilusões e das memórias e se materializam sob a forma de pinturas, instalações site-specific e com a volumetria de objetos cromáticos. Conti Melo cria conexões entre planos resultando daí um lugar imaginário. Assim distorce a percepção que o espectador tem do espaço.

Formada em Desenho Industrial pela Universidade Mackenzie. Participou de grupos de estudos com Albano Afonso e Sandra Cinto, Paulo Pasta, Paulo Whitaker, Silvio Dworecki, Marina Saleme, Charles Watson e Rodrigo Naves. Suas obras integram coleções do Museu de Arte do Rio Grande do Sul, FAMA Museu, Museu Arte Contemporânea de Sorocaba, Centro de Capacitação de Profissionais da Educação – São Caetano do Sul e Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul.

Exposição Individual:

- Labirinto com saída para o caos – Campinas – SP 2022
- Introspectos – Balneário Camboriú – Santa Catarina 2021
- Alarme para o silêncio – São Paulo – SP – 2018
- Vá pensamento – Museu Cidade de Salto – Salto – SP, Brasil – 2018
- As coisas que não têm dimensões são muito importantes – MESCLA Galpão IV – Itu – SP, Brasil – 2017
- Nunca me esquecerei desse acontecimento – MUNA – Uberlândia – MG, Brasil – 2015
- I came back to get what I've lost – Arts Centre – Aylesbury – Buckinghamshire, Reino Unido – 2015
- Só me sei onde não sou – Cecape – São Caetano do Sul – SP, Brasil – 2014
- Se vão pelas frestas – Galeria Contempo – São Paulo – SP, Brasil – 2014
- Espaço iluminado de intensa irrealidade – MACRS – Porto Alegre – RS, Brasil – 2013
- Estás dentro - Galeria Central/Ímpar – São Paulo – SP, Brasil – 2012

Coletivas:

- Somos todod locos Casa Yara DW SP 2023
- Em tempos como estes Galeria Marília Razuk SP 2023
- Mesmo estando separados Ateliê 397 SP 2023
- Afetividades Eletivas – Centro Cultural Minas Clube – BH – MG, Brasil – 2015
- Geometria Fragmentada – Galeria Contempo – São Paulo – 2013
- Confluências – Galeria OÁ – Vitória - ES - 2013
- Independência ou Morte – Ateliê Fidalga – 2012
- AlugaseVille – Galeria Central – São Paulo 2012
- Aluga-se Na Dconcept – Galeria Dconcept –São Paulo -2012
- Quase a última foto - Fotogaleria Virgílio Calegari POA– 2012
- Galeria Ímpar – São Paulo, Brasil – 2011
- Meio Quilo – Museu Eugenio T Leal – Salvador – BA – 2011
- Convivendo com arte – Conhecendo Artistas Banco Santander - São Paulo– 2011
- Boîte Invaliden – Invaliden1 – Berlim, Alemanha – 2011
- About Change – World Bank – Washington DC, USA – 2011
- PhotoFidalga Quase Galeria – Espaço T – Porto, Portugal – 2010
- Ateliê Fidalga no Paço das Artes – Ateliê Fidalga – São Paulo, Brasil – 2010
- Nos limites da arte – Funarte – SP, Brasil – 2009
- PhotoFidalga – Carpediem – Lisboa, Portugal – 2009

Coleções públicas:

- Fundação Marcos Amaro – Itu
– Não haverá nunca uma porta – 2012
- MACS, Museu de Arte Contemporânea de Sorocaba
– Intimidade coletiva – 2010;
– Barbearia Subterrânea – 2012;
– Tempo Calado –2010
- MUnA - Uberlândia MG
– Nunca me esquecerei desse acontecimento – 2015
- Centro de Capacitação de Profissionais da Educação – São Caetano do Sul
– É o tempo que me tem – 2014
- MACRS, Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul
– Mundo isento de rumores – 2013
- MACRS, Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul
–Terraço para a Independência – 2012
- MARGS, Museu de Arte do Rio Grande do Sul
– Terraço para a Independência – 2012

Formação:

- 2009-2013 – Atelier Fidalga - Orientação de Albano Afonso e Sandra Cinto
- 2008 – Marina Saleme - Instituto Tomie Othake
- 2003 – História da Arte – Rodrigo Naves
- 2003 – Paulo Pasta - Instituto Tomie Othake
- 2002 – Paulo Whitaker – MUBE
- 1988 – Desenho Industrial – Universidade Mackenzie

AS COISAS QUE NÃO TÊM DIMENSÕES SÃO MUITO IMPORTANTES

A pintura fora do seu lugar

Ricardo Resende

Os espaços que Adriana Conti Melo representa nas telas deixaram as paredes de seu ateliê e chegaram de novas formas à Fundação Marcos Amaro. Convivem obras estruturadas sobre chassi e tela, com outras que se apropriam de acidentes arquitetônicos de um ambiente, com a de maior extensão representada na parede. Algumas em ambiente interno, outras sujeitas às intempéries ou qualquer ação do tempo. Pode-se dizer que estão fixadas no mundo.

Diretamente pintado na parede, o trabalho “instalacional”, ‘É a pura inauguração de um outro universo’ (3,5 x 15 m), de 2017, confunde-se com o limite expositivo e transforma-se em um simulacro espacial, uma continuidade do salão, uma armadilha para o público, simulando profundidade, prolongando o chão, criando passagens e alterando o negro das frestas num abismo. A artista traz luz e colorido a estes ambientes que se atravessam na pintura, esta, mimetizava espaços arquitetônicos, mas também se transforma na própria parede da edificação cedida para expor.

Em outra sala os cubos retangulares que foram abandonados pelo chão se tornam “pinturas-esculturas” de solo. Os “acidentes arquitetônicos” de ‘É no ínfimo que eu vejo exuberância’, 2017, servem agora como suporte para as pinturas.

Mas Adriana não parou aí sua experimentação pictórica. Do chão

roto de cimento envelhecido e empoeirado, as pinturas sobre os blocos de concreto voltaram para o chassi e emolduradas pelo “quadro” foram penduradas convencionalmente, e novamente, na parede, completando assim o ciclo, o percurso da artista pelo espaço expositivo.

Isso é parte da experimentação em arte. Condição rara da arte contemporânea. Ir e vir, caminhar pelo espaço expositivo levando suas pinturas por toda parte.

A artista se arrisca no alternativo, o Mescla Galpão IV, na FMA. De aspecto abandonado pelo tempo com sua obsolescência arquitetônica, se viu transformado em espaço de exibição de arte. Sua nova função, receber artistas em residência e permitir a exposição de trabalhos, mostrou-se local adequado para um artista “quebrar” o gesto tradicional de pintar sobre uma tela e de expor sobre parede, incorporando o espaço construído como suporte para cores e formas, como noções da perspectiva, geometria e da arquitetura, articulando a pintura e esses espaços expositivos não convencionais, mas plenos de informações, distantes da assepsia do “cubo branco”, garantido e sem erro, dos museus e galerias de arte atuais.

Adriana Conti Melo pode ser comparada a artistas de outras épocas que também não se conformaram com a maneira tradicional de exibir suas pinturas. Desfizeram-se daquela que se praticava e mostraram uma outra forma de expor e pensar sua arte.

Adriana, exposta ao vazio desse lugar que ocupa, ao imaginar novas formas de mostrar suas pinturas em contato vivo e dialogante com o espaço¹, depois de debruçar-se sobre o mundo que lhe estava sendo oferecido, estudou e estabeleceu possibilidades até então desconhecidas e, de certo modo, desconexas. São situações diferentes em cada sala,

1 Eco, Umberto. A definição da arte/Umberto Eco; tradução de Eliana Aguiar, 1^a ed. - Rio de Janeiro: Record, 2016, pag. 224.

nenhuma naquele padrão “limpo” dos museus e galerias.

Recupera assim a forma proposta primeiro por Piet Mondrian, quando o artista holandês no começo do século XX eliminou a moldura e suas telas tornaram-se extensão das paredes. Ele invadiu o espaço real da arte, até então as paredes expositivas, num gesto que jogou a arte para o infinito: pinturas que se expandiam para todos os lados da tela, não seriam mais enquadradas, passariam a ser uma coisa só, mimetizadas como pintura na parede ou a parede como pintura.

É a pintura e arquitetura em vários planos pictóricos o que propõe Adriana Conti Melo na mostra, “As coisas que não têm dimensões são muito importantes”.

Esta maneira de dispor nos remete também ao arquiteto alemão moderno Mies van Der Rohe, que revolucionou a forma de apresentar a pintura transformando as paredes expositivas nos próprios trabalhos, eliminando de vez as barreiras existentes para se observar a arte. Sem moldura, ocupando toda a extensão da parede, de modo a desaparecer com suas laterais. Propôs expor grandes telas em ambientes sem paredes, melhor, com paredes de vidro, relacionando o dentro para fora e o fora para dentro. Paisagem e interior, interior e paisagem, sem muros, a pintura na sua concepção espacial reinava soberana no museu. Uma outra nova forma revolucionária na maneira de expor a arte, depois de Mondrian e as experiências do movimento De Stjil.²

Adriana parece seguir essa linhagem do artista holandês e do arquiteto alemão ao levar suas pinturas para o meio do espaço e, sem nenhum anteparo, pintar sobre as paredes, incorporando portas, janelas e o que se vê ao adentrar nessas frestas do espaço carcomido pelo tempo. São antigos pavilhões da indústria têxtil aonde se dá a exposição.

Quando apresentou sua proposta expositiva deu a entender que

seria mais uma forma museológica convencional de mostrar. Iria construir paredes, cobrir as estruturas da sala escolhida como espaço expositivo, em seu estado bruto de conservação, degradado e velho, então um verdadeiro desafio para o artista que buscasse a assepsia.

Após ver as imagens dos trabalhos feitos pela artista no CECA-PE de São Caetano do Sul, provoquei-a sobre seu desejo de criar algo que se assemelhasse à limpeza desses lugares, e que, dependendo da maneira como se mostra, podem parecer enfadonhos e repetitivos. Ali parecia ser impossível esta situação museográfica.

Contra argumentei, que o espaço lhe era dado como tal, e sugeri que não teria que modificá-lo e sim trazê-lo para dentro da sua pintura. Indo além, a provocação lhe pedia experimentar novas formas de fazer e expor, deveria, portanto, transformá-lo na própria pintura a ser exposta, incorporando dessa maneira, definitivamente, a arquitetura. O espaço real se transformando em suporte para a pintura, sem negá-lo.

Antes dessa experiência Adriana pintava a arquitetura ao mitemizar o espaço na tela e nas paredes onde expunha. Criava um universo próprio feito de camadas, planos de cor e as linhas formadas por esta sobreposição, ou melhor, entre os planos.

Foi na grande pintura ‘Só me sei onde não sou’, de 2014, pintada diretamente sobre uma parede de 4 x 10 m no edifício do CECAPE, a sua primeira experiência em submeter o espaço expositivo à condição de suporte para suas “telas”. Mas ainda assim, era pintura bidimensional.

No mesmo ano ela rompeu definitivamente com o plano da tela na pintura ‘Escada’, exposta na Galeria Contempo, executada na parede do andar térreo para o primeiro piso, incluindo a escada de acesso aos dois andares irrompendo no espaço tridimensional, transformando todo o ambiente da galeria em uma obra de 6 x 4 m de altura. A escada

da sala virou objeto sobre as camadas dessa pintura.

Criava nessa instalação pictórica uma atmosfera surrealista em um jogo de cores, linhas, formas e sombras. Conti Melo faz aproximações de cores fortes e inusitadas, como o verde junto ao vermelho. O azul com o amarelo e o roxo. São tons meio destoantes um do outro. Confere assim, uma estranheza nesta mistura de cores e formas.

Também, como nos trabalhos anteriores à essa exposição, a exemplo da ‘Se o caminho te pertence, segue’, de 2014, (acrílica sobre tela), há uma proximidade com a pintura metafísica de Giorgio de Chirico, o pintor italiano precursor do surrealismo que inverte as sombras, criando um ambiente desregulamentado, surrealista, representando a estranheza do jogo de luz. Colocava coisas fora do seu lugar compondo sombras invertidas com grandes edificações na tela.

A perspectiva nas pinturas anteriores de Conti Melo, também não obedeciam às regras do que se entende por uma “boa” pintura. Já causavam um certo estranhamento e incomodo por “desvirtuar” o espaço representado.

As cores são chapadas e o que cria profundidade são as linhas incluídas entre os campos de cor. É assim que constrói o espaço dentro de suas pinturas.

Agora na FMA persegue o seu desejo em dar três dimensões às telas, criando níveis representacionais da arquitetura nas próprias paredes e ambientes, materializando-a. Se antes a visão de suas pinturas levava ilusoriamente para dentro do plano, agora o público pode atravessá-la nessa grande “tela”, na parede, por algumas portas vistas, é possível adentrar o ‘ambiente’ de sua pintura.

Lygia Clark é outra artista que deve ser lembrada na sua investigação do campo pictórico (cores, linhas e formas) quando nos anos 1950, também se recusou ao uso da moldura e do chassi, criando am-

bientações (arquitetônicas) de cor e geometria e “problematizando” o espaço. Poderíamos chamar de ambientes de cor, para sermos mais precisos. Ambientes em que o público pudesse experimentar o real, ao adentrar as “pinturas” geométrico-abstratas que escapavam do plano pictórico bidimensional. O que propunha também era o tridimensional no plano da pintura. Pintura-instalações que ficavam no caminho do público em uma exposição. Faziam com que o visitante “atravessasse” as cores e geometrias.³

Indo muito além das pinturas de Adriana Conti Melo, lembro aqui ainda de uma outra transgressão contemporânea, junto com as de Clark na arte brasileira, experiências que mudaram à nossa maneira de ver, de entender e expor uma pintura. É Hélio Oiticica, da mesma veia artística dos inventores da arte, amigo e contemporâneo de Clark.

Oiticica propôs os parangolés, que nada mais eram do que pinturas espaciais, nesse caso movimentadas por quem as vestia, ou ainda, por quem as enxergava, sendo acionadas no espaço por corpos em movimentos frenéticos. Os seus parangolés não são mais do que pinturas

³ Curada por Paulo Herkenhoff e assistência curatorial e expográfica minhas, a mostra “Lygia Clark” no Museu de Arte Moderna de São Paulo, em 1999, apresentou a instalação ‘Interior’, de 1955, jamais montada. Trata-se de um espaço cúbico dividido em vários planos geométricos de cores, que deverá ser atravessado ou vivido pelo espectador/participante. O trabalho já tem nele o embrião da interatividade que Lygia Clark buscava à exaustão a partir do final dos anos 50, mas também remete à influência sofrida pelo neoplasticismo (movimento artístico liderado por Mondrian que, nos anos 20, propunha a supressão de toda subjetividade por meio de obras compostas unicamente por linhas horizontais e verticais e cores primárias). Celso Fioravante, em “Lygia Clark busca todos os sentidos”, Folha de S. Paulo, 01 de junho de 1999. Caderno Ilustrada.

em movimento feitas de panos coloridos que se transformam, reconfiguram-se, e constituem ao bel prazer do corpo que as conduz, nas formas criadas no movimento.

Adriana Conti Melo intercala espaços planares ao “rodar” pelas salas da FMA. O primeiro plano de uma pintura com as paredes e frestas que deixam antever um segundo plano ou outro ambiente que pode ser habitado pelo público quando esse as adentra. Um olhar desatento e de fora da frontalidade com sua pintura, sugerirá um plano continuo.

Ao observar com acuidade, o público se sentirá, talvez, “ludibriado” pela artista ao se aproximar e dar-se conta de que é possível penetrar a “tela”. Ficará entre o real e a representação da pintura. A profundidade de fato passa a existir nas suas obras espaciais. Não serão mais superfícies planas. Terão profundidade. De fato, estarão em perspectiva.

O olho descobre que a pintura não é só sobre o plano. A sombra, o espaço, a parede onde a imagem de Conti Melo acontece, é a luz que incide e adentra o espaço real, engana quem as observa. Labirínticos, criam sensações e ilusões, abismos. Portas que levam para a escuridão, para o interior das pinturas, espaços sem saídas. A pintura continua ali dentro, contorna a arquitetura, lhe dá ainda mais volume, forma e cores, inclui as janelas, os arcos, tudo isso nos faz enxergar a sua profundidade. Convida o espectador a entrar ou interagir com os espaços e ambientes, interferindo no curso da vida, seja deixando explicita uma saída, seja insinuando uma passagem, relacionando o mundo interior com o mundo exterior.

Os espaços labirínticos nos levam a questionar se a liberdade de atravessar existe ou é apenas uma ilusão, se estamos condenados a ficar à parte do plano da pintura. O seu trabalho nada mais é do que tentar nos incluir dentro dos seus planos, uma tentativa de desestruturação

interna das pessoas.

É um convite para que entremos em sintonia com o lugar desconectado das obras onde corredores, janelas e portas, sem saída, revelam o inconsciente de cada um.

Ao viajar pelo interior das pinturas, Conti Melo espera que as pessoas mergulhem em seu próprio interior e, desta forma, encontrem suas próprias saídas. É um jogo metafórico visual que ora prende ora liberta, ora lhes dá a passagem através da pintura, ora lhes toma.

Como na literatura fantástica de Lewis Carroll e seu Alice no país das maravilhas, e os enigmas diante dos espelhos do segundo livro, Alice através do espelho e o que ela encontrou por lá, as pinturas de Adriana Conti Melo são várias possibilidades de entradas e saídas, lugares labirínticos, feitos do tempo e do espaço projetados agora sobre as paredes. O espelhamento é a passagem, a dialogia entre mundos possíveis. Aí entra o espectador, num jogo de espelhos entre o espaço e a pintura, restando-lhe encontrar a saída.

Ricardo Resende

Espaço Iluminado de uma intensa irrealidade

Katia Canton

Passagens fechadas, corredores falsos, degraus que conduzem a portas que não levam a espaço nenhum. É justamente na impossibilidade de desembocar num lugar fora, que a obra de Adriana Conti Melo toma corpo, voltada para o lugar dentro, para as intimidades e as verdades da própria construção da pintura.

Vejamos como tudo começou. A artista costumava pintar cenas com objetos abandonados, daqueles que costumam ficar num canto, indicando a existência de uma vida íntima, reclusa. Eram coisas como uma cadeira, alguns objetos de limpeza, como baldes, vassouras, rodos, pás, luvas e enceradeiras, ou ainda um pedaço de mangueira enrolada. Eram registros de invisibilidade, demarcando algo que está ali, mas que passa despercebido em sua existência de desimportância. Era como se Adriana colocasse uma lupa ou um binóculo e captasse o detalhe quase escondido de uma cena maior, que deveria encobrir aqueles pequenos hiatos, aqueles silêncios que ecoavam nos objetos esquecidos ali.

No trabalho atual, ela deseja aumentar o grau de complexidade de sua pintura. E isso, na verdade, implicou uma inversão de visão. É como se o binóculo, antes focado em um pequeno lugar fora, se voltasse para dentro.

Isso porque as passagens que ela agora cria não conduzem para fora. Elas nos reviram para a interioridade da própria construção pictórica. Eis a complexidade. Adriana Conti Melo fez crescer suas telas e sobre elas, passou a construir um universo próprio de camadas, com planos de cor, jogos de perspectivas imperfeitas, linhas que cortam a superfície

e acabam ganhando um lugar graças a cor.

A artista não teme o pincel. Há em cada uma de suas telas um investimento intensivo no gesto da mão, que começa recobrindo as grandes telas de preto, sobre o qual outras cores vão sendo adicionadas. Enquanto as cores sobem, os contornos aparecem e uma estranha arquitetura se materializa.

Resulta-se num singular labirinto, numa beleza que também é repleta de estranhamento.

É interessante pensar aqui em como a prática artística contemporânea negocia constantemente com a condição da existência. Existência como lugar de pertencimento e, ao mesmo tempo, como perturbamento, que se mescla à realidade dos afetos, das banalidades, dos ecos do nosso próprio silêncio.

Nessas passagens que não nos guiam a lugar algum, nos resta ficar na própria companhia e presença. Penetlando as telas de Conti Melo com o olhar, permanecemos em nossas próprias entradas. Estamos ali, longe de casa, mas ainda assim passíveis de captar algum resíduo de familiaridade e afeto.

Nos contornos dos degraus, na angularidade de alguma porta ou rampa podemos associar memórias, encantados que estamos com a gradação de cores, com os contrastes de planos, as sobras de cor e de traços que revelam a fatura em certos detalhes da superfície. Nesse momento, então, podem surgir relações de tempo e espaços—identificações com detalhes de lugares que já vimos ou já vivemos. Cria-se ali, um passeio pela própria história, o que presenteia a pintura com um instante de iluminação.

Katia Canton

Se vão pelas frestas

Tenho a sensação de que essas pinturas me sugam. Se me afasto para decidir se devo ou não entrar, a pintura do lado abre uma porta sugerindo que eu percorra o corredor de chão inclinado. Elas cercam o espectador. Não estamos diante de um espaço-objeto que eu, sujeito todo poderoso, escrutino de fora. O espaço de Adriana Conti Melo é o sujeito, parece vivo, como um organismo, misturando-se ao espaço psíquico do espectador.

A cor é elemento determinante nessa vivificação do espaço. Os laranjas e vermelhos que pela teoria da cor saltariam para fora do plano bidimensional, aqui parecem fazer um movimento oposto, de sucção, atraindo para dentro do plano quem está fora observando. E sugado para dentro dos labirintos coloridos, o observador passa a percorre-lo.

Não há como restar imóvel nesses ambientes cheios de rampas ascendentes que ofertam em cada esquina opções de mudança de cenário. Como num videogame, o olho entra em um corredor, e vê-se transportado para a pintura seguinte, num salto para outro nível e num tempo que também é labiríntico. A tela ao lado, possível amostra do que está no fim da rampa, atrás da porta, no vão entre as paredes, repete o espaço das mil opções inclinadas, de forma que você escorre naturalmente, mesmo sem notar, pelos corredores, seguindo a espiral do guarda-corpo vermelho.

É possível compreender o espaço apresentado nessas pinturas como a resultante da relação do corpo contemporâneo com o mundo. Nunca ficar, nunca parar, mas percorrer, mudar, angustiosamente procurar o que move a nunca parar, mas percorrer, mudar, angus-

tiosamente procurar... A angústia não é mais escura como num Goya e sim estridente, histérica, irritante em cores cítricas que impedem o repouso. Conhecemos bem essa paleta: são as cores luminosas da tela do computador, principalmente aquelas cores que realçam alguma passagem em um texto. Mas o texto todo está realçado, então nada se distingue, tudo grita ao mesmo tempo. Tanto faz em que porta você entre, lá haverá outro labirinto, que na verdade é o mesmo labirinto, um manicômio do crânio, como diria Beckett.

Agrada descansar o olho nas raras passagens em que a perspectiva faz sentido segundo as regras do sistema renascentista. Mas logo uma cor berra por atenção e o campo de visão se abre, confuso nas linhas ortogonais que não convergem para um ponto. Tudo diverge, não há acordo nem sistema, não há o infinito, nenhum ponto absoluto que seja o fim inalcançável mas organizadamente definido. Só há o enclausuramento eufórico das cores fluorescentes.

Espelhando o mal-estar disfarçado por hiperexcitações da pós-modernidade, as pinturas de Adriana Conti Melo representam um espaço de confinamento entre paredes alegres e luminosas que provem a necessária ilusão de movimento e de consequente sentido. Em oposição ao espaço expansivo e lisérgico dos anos 60, quando os artistas jogavam a cor da pintura para a terceira dimensão -- os relevos espaciais de Oiticica, as salas de luz de Cruz-Diez -- aqui a cor suga o mundo para a bidimensionalidade e engana com opções que não levam a lugar nenhum: é o espaço psíquico do homem que a cada dia tem menos dimensões. Se vai pelas frestas.

Paula Braga, 2014.

Pontes

Mario Gioia

Há uma série de trabalhos de Adriana Conti Melo que prenuncia as pinturas da exposição *Estás Dentro*. São telas muito interessantes, atestando o domínio pictórico da artista paulistana e que continuam a investigação anterior de sua obra, desdobrando os registros de bastidores. Contudo, o que mais prende a atenção é como a figuração parece perder sua função central. As composições que servem de fundo ganham cada vez mais uma posição primordial, necessária, e amenizam a centralidade das coisas que ‘posam’ para os pinceis de Conti Melo. Assim, uma cadeira banal de escritório e um sino decorativo de quintal, por exemplo, se mimetizam e se fragilizam frente ao sedutor jogo de planos, linhas e cores criado pela artista.

Agora, com as pinturas da série *Lugares Labirínticos*, essas arquiteturas que guardam algo de imaginação, virtualidade e indefinição tomam conta dos chassis, resultando em trabalhos de grande fisicalidade – *Não Haverá Nunca uma Porta*, por exemplo, mede 1,80 m x 2 m. Ao enfatizar esses elementos que oscilam entre uma realidade palpável e projeções que ficam apenas no nível das ideias, Conti Melo cria uma senda de riscos, mas, ao mesmo tempo, adere a uma indeterminação e a uma ambiguidade contemporâneas que trazem mais inquietude à sua poética.

“Estou buscando um lugar, mas ainda não sei qual”, alerta a artista. “Diante da perseguição de uma nova realidade baseada em arquiteturas nômades, espaços midiáticos, não lugares e interconexões

no ciberespaço, qual é o alcance da crise da ideia já convencional de lugar? A arquitetura como espaço e a cidade como estrutura articulada serão dissolvidas ou, pelo contrário, o espaço e o lugar sempre serão necessários devido à sua função de legibilidade e identidade?”¹, questiona o crítico espanhol Josep Maria Montaner. “O lugar e o não lugar – como o espaço e o antiespaço – são polaridades extremas. O espaço quase nunca é delimitado perfeitamente, da mesma maneira que o antiespaço, quase nunca é infinitamente puro. O lugar também nunca poderá ser totalmente eliminado e o não lugar nunca é fechado radicalmente. Em nossa condição presente, espaços, antiespaços, lugares e não lugares entrelaçam-se, complementam-se, interpenetram-se e convivem.”²

Nesse híbrido cenário – não à toa uma das novas telas, *Abismo Inconstante*, se assemelha tanto às coxias teatrais, com elementos vermelhos em sua verticalidade a marcar a composição – e de certezas líquidas, Conti Melo também deixa mais fluida sua técnica. Ele flerta com o desenho ao enfatizar o traço e não preencher ao todo alguns pequenos planos retangulares em *Não Haverá Nunca uma Porta* e faz com que o incompleto e o residual sejam perceptíveis em, especialmente, *Tentação de Descer no Meio do Caminho*. Paralelamente, suas peças menores, como *Labirinto com Saída para o Caos*, são pontos condensados de atração, com o diálogo cromático obtido entre o cinza mais escuro do chão e o púrpura e o verde presente em formas regulares, que terminam como por criar armadilhas para o nosso olhar.

Conti Melo, então, lida com o racional, o planejado e o sedutor, para, a seguir, quebrar expectativas que buscam o mais harmônico. Seus espaços não exibem figuras humanas nem objetos e se configuram pouco habitáveis. São tipos de ambientes sci-fi, mas desprovidos da mobília vintage e de equipamentos ‘tecnológicos-modernos’ que ajudaram a celebrizar o status cult de filmes como *2001 – Uma Odisseia*

no Espaço (1968), de Stanley Kubrick. Entre passagens e labirintos, testemunham um descontrole à espreita, que, no entanto, não explode.

O registro plástico de Conti Melo ressoa tanto as letras labirínticas de Cortázar quanto o manifesto urbano desconcertante de Koolhaas. “Curiosamente, a visão da proa lhe aparece com tanta inaturalidade como se tirasse da parede um quadro e, sustentando-o horizontalmente nas palmas das mãos, visse afastarem-se do primeiro plano as linhas e os volumes da parte superior, mudarem todas as relações pensadas verticalmente pelo artífice, organizar-se outra ordem igualmente possível e aceitável”³, escreve Cortázar a respeito de do pensamento do personagem Pérсio, no romance Os Prêmios. “Cada edifício se tornará uma ‘casa’. [...] Em cada andar, a ‘cultura da congestão’ organizará combinações inéditas e divertidas de atividades humanas. Com a ‘tecnologia do fantástico’, será possível reproduzir todas as ‘situações’ – da mais natural à mais artificial –, onde e sempre que se desejar. Cada cidade dentro de uma outra cidade será tão única que atrairá seus habitantes naturalmente [...]. A ‘cultura da congestão’ é a cultura do século 20”⁴, decreta o arquiteto e teórico holandês. Em tempos de hiperrealidade, circulação maximizada de imagens e informações e vida em rede (ainda que em estado de congestão e com ramificações intrincadas), a artista paulistana empreende proposições visuais nada simples. Experiências singulares de cor, planos, linhas e respingos, mesmo em dias conturbados e perplexos.

Mario Gioia

Graduado pela ECA-USP (Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo), foi o curador de Ela Caminha em Direção à Fronteira, de Ana Mazzei, primeira individual da série de exposições Zip’Up em 2012, o segundo ano do projeto na Zipper Galeria (neste ano, também já houve Lugar do Outro, de Julia Kater). Em 2012, também fez as curadorias de Miragem, de Romy Pocztaruk; e Distante Presente, de Gordana Manic (galeria Ímpar). Em 2011, inaugurou o projeto Zip’Up com a coletiva Presenças,

destinado a novos artistas (que teve como outras mostras Já Vou, de Alessandra Duarte, Aéreos, de Fabio Flaks, Perto Longe, de Aline van Langendonck, Paragem, de Laura Gorski, Hotel Tropical, de João Castilho, e a coletiva Território de Caça, com a mesma curadoria). Em 2010, fez Incompletudes (galeria Virgilio), Mediações (galeria Motor) e Espacialidades (galeria Central), além de ter realizado acompanhamento crítico de Ateliê Fidalga no Paço das Artes. Em 2009, fez as curadorias de Obra Menor (Ateliê 397) e Lugar Sim e Não (galeria Eduardo Fernandes). Foi repórter e redator de artes e arquitetura no caderno Ilustrada, no jornal Folha de S.Paulo, de 2005 a 2009, e atualmente colabora para diversos veículos, como a revista Bravo e o portal UOL, além da revista espanhola Dardo e da italiana Interni. É coautor de Roberto Mícoli (Bei Editora) e faz parte do grupo de críticos do Paço das Artes, instituição na qual fez o acompanhamento crítico de Black Market (2012), de Paulo Almeida, e A Riscar (2011), de Daniela Seixas.

1. MONTANER, Josep Maria. *A Modernidade Superada*. Barcelona, Gustavo Gili, 2001, p. 49
2. MONTANER, Josep Maria. *Idem*, p. 50
3. CORTÁZAR, Julio. *Os Prêmios*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1983, p. 49
4. KOOLHAAS, Rem. *Nova York Delirante*. São Paulo, Cosac Naify, 2008, p. 151

As formas da vida.
A poesia do cotidiano na obra de
Adriana Conti Melo

Andrés Hernández

A exposição intitulada *Só me sei onde não sou* da artista Adriana Conti Melo para o Centro de Capacitação de Profissionais da Educação de São Caetano do Sul possibilita avaliar sua produção plástica inserida nas discussões geridas pela arte contemporânea, incluindo, neste caso específico, as diversas possibilidades artístico-pedagógicas derivadas da proposta dentro do espaço do Centro, levando-se em consideração o perfil da instituição. Ou seja, as múltiplas interpretações e discussões possíveis, no contexto artístico e educacional a partir das obras apresentadas. A artista assume, assim, o desafio da superação das limitações que afrontam muitos contextos na tentativa de consolidar uma cena de arte contemporânea, já que concedem prioridade à construção de discursos críticos ou curatoriais onde não se inclui esse tipo de discussão proposta na exposição.

Conti procura e sugere propostas formais e materiais a partir de um pensamento autorreflexivo pictórico em conexão direta com elementos linguísticos. Assim, a artista nos oferece uma narrativa como conjunto organizado de significantes, cujos significados constituem uma história a ser completada por nós. Histórias cheias de emoções e sentimentos, especulações da lógica e do intelecto lançadas numa aventura sem fim, da imaginação. A artista faz uma arte útil para des-

crever nossas experiências fatuais.

As obras que Conti apresenta são a diferença da casa de Dona Belinha (Fernando Sales, “Dona Belinha”. In: *Sol na estrada*), que tem dez janelas de frente pintadas de azul celeste, diversos fragmentos de formas geométricas e cromáticas adequadas para combiná-las entre si e com outros elementos, com o propósito de criar novas imagens. Sem deixar de ser formas que se transformam em contos, e “dizem que quando os contos soam, as plantas não se preocupam em crescer e os pássaros esquecem a comida de seus filhotes” (Eduardo Galeano, “Janela sobre a palavra (I)”. In: *As palavras andantes*). Um espectro de cores que transmite vivacidade, convertendo-se numa lúcida constatação de possibilidades de criação plástica. São obras repletas de calor e luminosidade, de operações e construções estéticas. A forte intensidade poética de Conti está representada na sua pintura impetuosa, que manifesta seu estado de espírito, sua elevada capacidade criativa e seu pleno domínio técnico.

O desejo nos imanta... Há uma gota imponderável que corre e se encrespa e arde em todos os meus vasos, pugnando por sair; que não está em nenhuma parte e vibra, canta, chora e muge em meus cinco sentidos e em meu coração; e que, por fim, derrama, como corrente elétrica, até as pontas.

Do poeta peruano César Vallejo, em “Muro antártico”.

A sequência formal e racional na estrutura e nos contrastes da luminosidade e das amplas zonas cromáticas determina a impressão geral e torna-se portadora de sensações, como a de liberdade espacial. Zonas cromáticas constituídas por áreas de cores intensas com suas camadas de contornos sugestivos, de onde as formas se desenrolam lentamente, como pretexto, numa brilhante maneira de enfatizar o conteúdo emocional das pinturas. Um conteúdo onde são retóricas as estruturas geométricas na composição, com predomínio da verticalidade e das modulações horizontais, convertidas em formas. O emocional e o estrutural (e vice-versa) fazem com que a singularidade seja tema na proposta de Conti!

A dinâmica das composições (incluindo o título de cada obra), os movimentos harmônicos na cor e na linha, e o impacto extremamente dramático e forte das cores intensificam a condensação entre o visto e o imaginário. O olhar do espectador é sugado para a profundidade e, posteriormente, para o processo inverso, a complexidade do retorno e a consequente diluição dos contornos, estabelecendo as relações com o todo. Assim, o representado em cada peça individual extrapola o espaço expositivo, e cada uma das obras se dilui no contexto em que está inserida. Ao mesmo tempo, a estrutura interna em cada uma das peças consolida o ponto de partida, a matriz para a análise do conjunto. Há uma conexão entre o interno e o externo ao impossibilitar a diluição de qualquer tipo de tridimensionalidade possível com o espaço real. Assim, a artista, pode ser vista como designer de espaços totais.

Destacam-se, na exposição, a relação das obras de Conti com o contexto – o que convoca outras esferas conceituais, basicamente circunscritas ao âmbito da arquitetura – e as possibilidades que estas relações oferecem ao espectador. Relações que possibilitam ver o espaço não como

o ambiente (real ou lógico) em que as coisas se dispõem, mas o meio pelo qual a posição das coisas se torna possível. Quer dizer, em lugar de imaginá-lo como uma espécie de éter no qual todas as coisas mergulham, ou de concebê-lo abstratamente com um caráter que lhes seja comum, devemos pensá-lo como a potência universal de suas conexões.

Maurice Merleau-Ponty. In: Fenomenologia da percepção.

Sendo assim, também o espectador jamais terá uma relação abstrata com as imagens que olha, uma relação a par da realidade concreta. A relação efetiva com as imagens realiza-se em um contexto multiplamente determinado: contexto social, contexto institucional, contexto técnico, contexto ideológico. Fatores que regulam a relação do espectador com a imagem.

Com estas operações, a artista provoca, na minha opinião, uma relação semântico-gramatical de conceitos e interpretações que favorecem a articulação de códigos e criam a possibilidade, quase teatral ou cinematográfica (similitude ao filme *Dogville*, de Lars von Trier), de definir marcas sugestivas para várias ações, como formas de reforçar a mensagem proposta; num processo de marcada originalidade e qualidade artística.

Adriana Conti Melo encontra caminhos estritamente pessoais de levar a pintura para além da abstração e eleger como tema de seus trabalhos a própria dúvida sobre o espaço e o tempo do representado. São, assim, inquietantes composições que manifestam uma interseção entre a experiência subjetiva e a utopia da construção. Suas obras refletem, de forma relevante, uma geometria secreta que nos induz à procura da representação minuciosa de uma composição cromática e estrutural baseada em uma pesquisa e experiência sedimentada na capacidade criativa da artista.

Andrés Hernández

Vá pensamento

Matheus Frey

Vá Pensamento de Adriana Conti Melo é um convite para a imersão em um labirinto de diagonais vertiginosas onde cada porta, escada ou janela te leva a próxima pintura e a um novo corredor com outros caminhos a seguir, um lugar que é silencioso e gritante quanto espacoso e claustrofóbico.

Os últimos trabalhos de Adriana tomaram proporções novas e com a necessidade de ocupar um galpão de 500 metros quadrados da FAMA, ela construiu painéis para ocupar as paredes desta antiga fabrica abandonada além de pinturas que mal cabiam no seu ateliê. E ocupou mais espaços dentro dessa antiga fábrica.

De alguma forma, seu processo sempre estava em uma escala um pouco maior do que seu espaço de trabalho suporta. Adriana costuma dizer que suas pinturas nunca couberam de verdade em seu ateliê-casa, por varias vezes escutei que ela não tinha mais paredes para pendurar suas telas e tinha que estica-las no chão pintando-as literalmente dentro da própria pintura. Talvez essa seja uma imersão necessária no seu trabalho.

Neste novo espaço as telas e painéis que fez para o galpão ocupam a sala Giuseppe Verdi a fim de tornar a sensação labiríntica de suas pinturas não somente uma experiência bidimensional, mas instalativa e imersiva, onde se pode perambular entre os corredores diagonais da exposição.

Para os visitantes desse “labirinto” os corredores podem parecer um pouco impossíveis de se cruzar assim como a perspectiva pode parecer confusa mas essa dissonância indica que não se trata de um espaço real mas sim de um espaço imaginado, um espaço psíquico, um espaço de corredores mentais. Vagando por essa casa gigantesca cheia de bifurcações é possível se agarrar em alguns padrões para não se perder na viagem: as linhas horizontais aparecem na maioria das vezes no chão, que por sua vez são sempre de uma cor neutra como marrom ou cinza; as linhas verticais são as paredes que refletem espelhando a cor e a perpendicularidade berrante e as diagonais são como os inúmeros caminhos que podemos percorrer nesse labirinto, seja nos corredores ou saídas e entradas das portas e escadas.

O processo intuitivo da artista para a criação dessas formas vaga no consciente e inconsciente buscando fragmentos de auto-conhecimento. A dimensão psicológica de sua obra pode espelhar uma certa mitologia na aparição dessas construções: o chão como a realidade, um espaço neutro, onde a cor é homogeneamente caótica e onde colocamos os pés; as paredes como nossos pensamentos, ilusões ou desejos para onde o nosso olhar nos guia e onde a sua verticalidade sempre irá impossibilitar a existência na mesma dimensão e por fim todas as diagonais, escadas e portas como bifurcações, entradas e saídas resultantes das decisões que fazemos na vida.

Na verdade não há saída nesse percurso, o visitante é como um pensamento dentro de um corredor rizomático. Em uma ultima sala e possível vislumbrar ângulos em forma de luz que dão uma potência infinita para que os caminhos sigam. O labirinto continua.